



## Nota Pública da ECPAT Brasil sobre as falas do presidente Jair Messias Bolsonaro e o Enfrentamento ao Turismo Sexual e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Que tipo de cultura gera maior condição para o crescimento do turismo sexual?

O fenômeno do turismo sexual ou da exploração sexual no ambiente do turismo mostra que há elementos culturais, fortemente inseridos, nas condições que o favorecem. A dominação de gênero, de raça, de classe e de geração contribuem para que as violências sexuais cresçam, atingindo em maior número as mulheres e as crianças, negras e pobres, das comunidades brasileiras, que são vítimas dos abusadores brasileiro e/ou estrangeiro.

Neste contexto, o turista estrangeiro representa dentro do turismo sexual o papel do príncipe encantado para esta mulher adulta ou adolescente explorada; e ela, por sua vez, é vista, aos olhos do abusador, como uma mulher exótica, sexy e submissa aos desejos masculinos, além de oferecer um sexo barato; e por vezes, proteção contra roubos e abusos de comerciantes. Estes fatores somados a uma propaganda disseminada fortemente nas décadas de 1960, até meados de 1990, alastrou o turismo sexual. Os países tropicais e suas mulheres foram utilizados como atrativos turísticos. Assim, disseminou-se a ideia de que países de clima quente (sol e mar) eram verdadeiros paraísos onde tudo era permitido. Inclusive isto foi a base necessária para o crescimento da exploração sexual em todo o mundo.

Em 1990, a situação do turismo sexual era insustentável. No Brasil e em vários outros países chegavam voos charters com centenas de homens que frequentavam as áreas de exploração sexual, e isso também foi um incentivo para virar o paraíso dos pedófilos e abusadores atraídos pela propaganda. Homens que nos seus países respeitavam as leis e nos países tropicais cometiam todo tipo de violência sexual.

É neste cenário que surge o ECPAT, Rede internacional que se dedica a incentivar a comunidade mundial a assegurar que a infância e adolescência sejam protegidos contra a exploração sexual em vários países. No Brasil é uma coalisão de 23 entidades com a missão de enfrentar a violência sexual. Nossa Rede é oriunda de uma ONG que se lança nesse enfrentamento e se soma a várias pessoas, no mundo todo, que acreditam que pessoas não são objetos sexuais para serem explorados. Desde 1996, o ECPAT vem construído planos, políticas, ações e estratégias para enfrentar a violência sexual. Em especial, no Brasil muitos avanços foram pactuados, por outro lado muito ainda precisa ser feito.



Nos países que oferecem este mercado violador a maior característica é a condição de baixa cidadania e baixa garantia de direitos das pessoas vítimas. As muitas violações de direitos e os altíssimos números de violência doméstica, em conjunto com outros fatores de vulnerabilidade social e econômica, aumentaram o fenômeno. Isto provocou os países, em especial o Brasil, a construir políticas, planos e estratégias de enfrentamento.

Passado duas décadas, o Brasil não pode andar na contramão da prevenção. O nosso passado pode facilmente retornar com os desmontes nas políticas públicas e o retorno a ideias conservadoras e machistas.

Recentemente, o Presidente Jair Bolsonaro divulgou em Rede Nacional que os turistas poderiam vir ao Brasil a procura de nossas mulheres. Neste momento o mais alto funcionário público do país presta um desserviço a população, e ao Enfrentamento do turismo sexual e de todas as violências sexuais. Lamentável. Infelizmente, esta fala pode servir de estímulo à violação sexual de nossas mulheres, além de estimular a homofobia, pois segundo o presidente ele prefere que venha ao Brasil o turista sexual, em vez do turista homossexual. Esta fala está inserida num discurso de ódio e de discriminação vinda do maior servidor público da nação.

O que nos faz ter convicção de que a educação sexual, à igualdade de gênero, o combate ao machismo, ao racismo e à homofobia precisam começar na escola, ainda bem cedo, para ensinar as novas gerações que não precisamos ser vítimas de violência e nem se transformar em agressores. Que podemos pedir ajuda, que há uma sociedade preocupada em enfrentar a violência sexual e proteger a infância.

Finalizamos com este triste episódio, que repudiamos, lamentamos e nos faz lembrar que muito ainda precisa ser feito para educar as pessoas contra a violência sexual e sexista.

REDE ECPAT BRASIL